

# DOSSIÊ LITERATURA INFANTIL E JUVENIL APRESENTAÇÃO

[DOSSIER CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE – PRESENTATION]

## **CARLOS PIRES<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-7596-8241>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## **PATRICIA TAVARES RAFFAINI<sup>ii</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-1921-6269>

Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

## **ALINE FREDERICO<sup>iii</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-5670-8548>

Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

Núcleo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil Laboratório da Palavra/PACC

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## **GRAÇA LIMA<sup>iv</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-1047-2506>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Laboratório de Pesquisa da Ilustração e de Narrativas por Imagem, Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro

A pesquisa no campo da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil vive hoje um momento de crescimento e efervescência, movimento que vimos expresso no significativo número de artigos encaminhados para este dossiê. Esse volume, trinta manuscritos, revela ainda a demanda por espaços para a publicação de resultados dessas pesquisas concluídas ou em curso. Trata-se de uma produção advinda de muitos campos: teoria literária, pedagogia, comunicação, sociologia, história, entre outras áreas que olham para a literatura infantil e juvenil por perspectivas próprias, mas que se complementam, possibilitando uma rica reflexão pluridisciplinar. De fato, tal diversidade tem suas raízes já no surgimento dessa produção literária específica, pois, desde o início, os livros para crianças pretendiam ensinar e divertir ao mesmo tempo, ainda que, aos olhos dos leitores de hoje, as narrativas de meados do século XVIII, como o *Tesouro das meninas*, de Mme. de Beaumont, possam parecer enfadonhas.

Nesse início, o repertório do que seria considerado aconselhável para crianças e jovens provinha principalmente de duas origens muito diferentes: narrativas da literatura adulta que, consideradas clássicas, eram transpostas para leitores mirins, e narrativas escritas intencionalmente para crianças. Como exemplo dessa primeira origem, temos o caso muito conhecido de *Robinson Crusoe*, que, publicado em 1719, recebe uma edição abreviada em 1750 e outra feita exclusivamente para crianças e jovens em 1768. Ou, ainda, a adaptação que as peças de Shakespeare recebem pelos irmãos Charles e Mary Lamb, em 1807. A lista seria extensa, e aqui gostaríamos apenas de ressaltar que também em terras brasileiras o fenômeno aconteceu, e não tão tardiamente como se pensava até poucos anos atrás<sup>1</sup>. Entre os anos de 1884 e 1891, Carlos Jansen traduziu e adaptou obras clássicas: *D. Quixote*, *Robinson Crusoe*, *Viagens de Gulliver*, *As mil e uma noites* e *Aventuras do Barão de Munchausen*, todas elas não a partir de seus originais publicados para o público adulto, mas de adaptações publicadas em língua alemã, feitas por Franz Hoffmann (Soares; Raffaini, 2022).

Podemos considerar como primeiras obras a serem editadas especificamente para crianças a coleção de pequenos volumes feita por John Newbery, a partir de 1744, em Londres, assim como também a *Magazin des enfants*, de Mme. de Beaumont, em 1756. Tanto nos livros publicados a partir de originais escritos para o público adulto, quanto os criados exclusivamente para as crianças e jovens, teríamos uma presença forte do binômio ensinar e recrear. O cuidado com a criança, como nos ensina o conhecido, e bastante questionado, estudo do historiador medievalista Philippe Ariès, é fruto de um processo histórico de longa duração que se consolidou um século antes, na segunda metade do XVII. O centro do argumento do historiador, simplificando, é que, entre outros fatores, os colégios e escolas, que começam a incluir lentamente meninas na virada do XVII para o XVIII, contribuem para estabelecer uma ideia de infância que necessita de atenção e de cuidados específicos. Essa ideia, transformadora em meados do século XVIII, e hoje naturalizada, está na base do binômio ensinar e recrear que orienta a produção editorial para crianças.

A consolidação do romance como gênero maior da literatura para adultos na primeira metade do século XIX e o aparecimento de uma imprensa especializada no

---

<sup>1</sup> Pesquisas recentes nos mostram que, durante a segunda metade do século XIX e as décadas iniciais do século XX, diversas editoras estabelecidas no Brasil, entre elas a Garnier, a Laemmert e a Francisco Alves, investiram na tradução e adaptação de clássicos de sucesso na Europa.

público infantil e juvenil possibilitaram o surgimento de obras como *As aventuras de Jean Paul Choppart*, de Louis Desnoyers, publicada na forma de folhetim entre 1832 e 1833. A narrativa, que conheceu enorme sucesso, tem como protagonista um menino turbulento, amante de confusões e desordens, que conscientemente é criado pelo autor, desafiando as narrativas de cunho moral tão frequentes no período. A obra foi republicada em 1865 e recebeu um importante prefácio escrito por seu editor, Pierre-Jules Hetzel<sup>2</sup> (Niéres-Chevrel, 2009, p. 15-16), em que, pela primeira vez, apareceu o termo “literatura infantil” em substituição a outros até então correntes, como “livros para crianças e jovens” ou ainda “livros para educação”. A transformação semântica nos revela o quanto essa produção se expandia e se reconfigurava, possibilitando novas criações, outras potencialidades e resultando na consolidação de seu valor cultural.

De meados do século XIX até os dias de hoje, a denominação continuou a ser empregada, ainda que nem sempre com o mesmo significado. Como nos revela Peter Hunt, a categoria, que se define por um público que está em constante mudança, ampliou-se também para abrigar formatos que foram surgindo principalmente com o advento de novas técnicas de impressão de imagens. Durante os anos de 1800, o livro para crianças irá se transformar completamente. Logo no início do século, o surgimento da impressão de imagens por meio da gravura de topo, inventada por Thomas Bewick<sup>3</sup>, deixou menos caro e trabalhoso o processo de inseri-las junto ao texto. Em meados do século, com a popularização da cromolitogravura, as possibilidades de impressão em cores e o detalhamento das imagens se ampliam enormemente, até que nos anos finais desse período surgem meios de reproduzir mecanicamente um desenho original de um ilustrador, não sendo mais necessária a transposição por meio de um gravador. Álbuns ilustrados, livros-brinquedo, em formatos in-quarto ou oblongos, passaram, então, a fazer parte da biblioteca infantil, principalmente a voltada para um público ainda mais novo.

O século XX, marcado pelas duas grandes guerras mundiais, viu também o crescimento do público leitor infantil e juvenil não só na Europa e na América do Norte,

---

<sup>2</sup> O prefácio citado pela autora pode ser encontrado traduzido na versão que Garnier editou na década de 1890 das *Aventuras de João Paulo Choppart*; no entanto, nessa edição, omite-se o nome do autor do prefácio.

<sup>3</sup> É importante marcar aqui que Bewick adaptou, para aquele contexto específico de produção de livros, periódicos e outros materiais impressos, técnicas que já eram amplamente usadas no Oriente séculos antes. Ele, como acontece com os inventores em geral, foi alguém que mobilizou conhecimentos acumulados por séculos ou, como no caso da xilografia em outros suportes, por milênios, e construiu formas mais baratas e práticas de utilização no contexto que estamos procurando caracterizar.

mas em todos os continentes. Após a Segunda Guerra Mundial, os livros infantis parecem ser uma alternativa para a busca da paz entre as nações. Assim nasce, em 1953, na Suíça, o International Board on Book for Young People (IBBY), que cria, três anos mais tarde, em 1956, uma importante premiação, o prêmio Hans Christian Andersen<sup>4</sup>. A instituição e a instância de consagração que ela cria se tornam centrais nos processos de reconhecimento dessa produção artística e de sua internacionalização. No Brasil, pouco tempo depois, em 1968, é criada a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), braço brasileiro do IBBY. Em 1975, foi instituído o Prêmio FNLIJ – O Melhor Para Criança, que conta hoje com 16 categorias. Na segunda metade da década de 1970, a FNLIJ ocupou um papel central na promoção e reflexão sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, com destaque para seu boletim informativo que, por décadas, foi vetor de tendências nacionais e internacionais do setor. A instituição trabalhou, além da divulgação da produção brasileira nacional e internacionalmente da área, no desenvolvimento de projetos de promoção à leitura, como, a partir de 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), em parceria com a Biblioteca Nacional.

Contribuíram ainda para a institucionalização do campo o surgimento de dois importantes eventos internacionais. O primeiro, a partir de 1963, foi a Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, centrada nas trocas entre os atores do processo de criação e comercialização dessa produção – como autores, ilustradores, editores e tradutores. A Feira de Bolonha é o principal ponto de intercâmbio e comercialização dos direitos de tradução de obras para crianças e jovens. O segundo, criado em 1967, foi a Bienal de Ilustração da Bratislava, uma exposição internacional que apresenta trabalhos de destaque da ilustração para crianças e jovens no mundo. A Bienal desempenhou um importante papel no reconhecimento e na valorização de ilustradores na criação literária para esse público. Ambos os eventos têm uma programação extensa e prêmios que destacam o melhor da produção mundial a cada edição.

Por duas vezes, em 1994 e em 2014, o Brasil foi o país homenageado na Feira de Bolonha. No primeiro momento, alguns escritores e ilustradores brasileiros tiveram a oportunidade de entrar em contato de forma mais próxima com o que se produzia no

---

<sup>4</sup> O Brasil já foi premiado com essa que é a mais antiga e prestigiosa láurea atribuída a escritores e ilustradores da literatura infantil e juvenil por três vezes – Lygia Bojunga (categoria escritor, 1982), Ana Maria Machado (categoria escritor, 2000) e Roger Mello (categoria ilustrador, 2014) –, processo que contribui enormemente para o reconhecimento internacional de nossa produção literária.

ambiente internacional. Para eles, ficou evidente a existência de percursos artísticos muito diferentes dos brasileiros, e essa troca teve um impacto importante na produção feita no país (discussão aprofundada em Lima; Mendes, 2014). Foi nesse momento, também, que tivemos a chegada de obras de autores importantes que ainda não haviam sido traduzidas, como as de Beatrix Potter, Maurice Sendak, Eric Carle entre outros.

No início dos anos 2000, com o crescente interesse de estudos na área do livro ilustrado, autores importantes de obras teóricas no campo da Literatura Infantil e Juvenil, como Peter Hunt (*Crítica, teoria e literatura infantil*, de 2010), Maria Nikolajeva e Carole Scott (*Livro ilustrado: palavras e imagens*, de 2011) e Sophie Van der Linden (*Para ler o livro ilustrado*, 2011), são convidados a participar de eventos no Brasil, onde divulgaram suas obras recém-traduzidas. A Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, assim como algumas editoras, como a Cosac Naify, teve um papel primordial nesse sentido.

Os prêmios literários são importantes atores na consolidação e reconhecimento da literatura infantil e juvenil, fomentando o mercado editorial, servindo de recomendação para mediadores de leitura – pais, professores e bibliotecários –, mas também funcionando como importantes fontes para pesquisadores da área, diante de um mercado cada vez maior em quantidade e variedade de títulos publicados anualmente. Destaca-se ainda, na configuração desse campo no contexto nacional, o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, que já contava com as categorias “Infantil” e “Juvenil” em sua primeira edição em 1959. Nas últimas duas décadas, observamos uma proliferação dos prêmios literários na área, como o Selo Cátedra 10 (2015), da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, os prêmios Glória Pondé (2007) e Silvia Orthof (2012), da Fundação Biblioteca Nacional, a lista dos 30 melhores livros do ano, da revista *Crescer*, e os Destaques Emília, além de prêmios para manuscritos ainda não publicados, como o Barco a Vapor (2005), da Fundação SM, e o João de Barro (1974), da Prefeitura de Belo Horizonte, e o mais recente Prêmio FILEX (2023), promovido pelo Festival Internacional de Ilustração da Bahia.

Apesar de teóricos escreverem sobre Literatura Infantil e Juvenil no Brasil desde as décadas de 1940 e 1950, como Lourenço Filho (*Como aperfeiçoar a literatura infantil*, 1943, e *Literatura infantil e juvenil*, 1957), Cecília Meireles (*Problemas da literatura infantil*, 1951) e mesmo Fernando de Azevedo (*A literatura infantil numa perspectiva sociológica*, 1952), foi a partir da década de 1960 que surge uma reflexão mais

desvinculada do aspecto pedagógico. Nesse sentido, a obra de Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira*, de 1968, é um marco e possibilita que outros autores trilhem e aprofundem suas reflexões, como é o caso de Nelly Novaes Coelho, com seu *A literatura infantil: história, teoria e análise*, de 1981, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, com *Literatura infantil brasileira: entre história e histórias*, de 1984, e Laura Sandroni, com *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*, de 1987, entre outros.

Paralelamente a essa transformação teórica, o país começou a modernizar seu parque gráfico. Na década de 1990, inovações tecnológicas na indústria gráfica impulsionaram pesquisas de imagens de alta definição e demandas por novas propostas de retícula sem grade fixa, porém sem condições de implantação comercial naquele momento. A evolução da computação gráfica no período possibilitou diversas transformações. A tecnologia CTP (Computer To Plate) eliminou uma etapa importante e custosa do processo de impressão, o fotolito, ao permitir a gravação dos grafismos diretamente na chapa off-set. Essa tecnologia viabilizou novas propostas de retículas, configurando imagens de maior qualidade técnica e sinalizando a retomada da retícula estocástica para pequenas tiragens, abrindo, assim, diversas perspectivas. A tecnologia CTP começou de fato a ser usada nos processos de confecção dos livros no país apenas em meados da primeira década de 2000.

A transformação digital afetou não apenas a produção do livro impresso, mas trouxe novos formatos e possibilidades para a literatura infantil e juvenil no ambiente digital, como o e-book e os aplicativos literários. Hoje, o debate do fim do livro que permeou a virada do milênio parece datado e sem sentido. Experimentos digitais de grandes autores, como *A interminável chapeuzinho*, de Angela Lago, e *Ciber&Poemas*, de Ana Cláudia Gruszynski e Sérgio Capparelli, abriram portas para o potencial poético das novas tecnologias, que foi ainda se expandido com as possibilidades dos aplicativos para dispositivos móveis, resultando no surgimento de empresas editoriais totalmente voltadas à produção literária digital, como é o caso da brasileira Storymax. No entanto, dificuldades de comercialização e barreiras culturais com respeito ao uso de telas para a leitura na infância tornaram a produção de literatura digital para esse público limitada e de difícil acesso. Apesar da contemporaneidade do tema e de sua relevância para se pensar nos limites da literatura infantil e juvenil hoje, circula ainda pouca informação, pouco

conhecimento e há pouca pesquisa dedicada a essa produção, ausência que se faz notável neste dossiê.

O crescimento da produção acadêmica nas duas últimas décadas revela que o campo de Literatura Infantil e Juvenil é uma área de fronteira em que conhecimentos vindos da teoria literária, da pedagogia, da sociologia, da comunicação e da história nos auxiliam a analisar e compreender melhor o que é produzido para crianças e jovens. Devemos, no entanto, ressaltar que o campo de investigação da literatura infantil e juvenil se constitui não apenas pelas análises de escritores e ilustradores, mas também por aquelas feitas sobre editores, leitores, mediadores de leitura (professores, bibliotecários, familiares). Produzir um pensamento crítico sobre literatura infantil e juvenil é pensar, para além do texto e da imagem, sobre como diferentes profissionais colaboram na criação de um artefato cultural chamado livro, e como o resultado final é recebido e modificado pela leitura de crianças e jovens.

O primeiro artigo, “Imprensa e literatura infantil: Viriato Corrêa de *Cazuza* a Fafazinho”, de Angela Maria de Castro Gomes, apresenta o percurso de um dos mais importantes autores infantis da primeira metade do século XX: Viriato Corrêa. A autora retoma a produção e repercussão da mais relevante obra desse autor, *Cazuza*, e traça os passos iniciais de sua produção para crianças na primeira década do século, quando ele se torna o responsável pela coluna infantil do jornal *A Gazeta de Notícias*, encarnando o personagem/pseudônimo Fafazinho. O artigo também nos revela o quanto a literatura infantil e juvenil naquele momento histórico era subalternizada e as lutas de Viriato pelo reconhecimento institucional, por meio das diversas candidaturas à Academia Brasileira de Letras.

No artigo “Um monumento aos brincantes: o álbum *O dia em que a morte sambou*”, Tâmara Maria Costa e Silva N. de Abreu analisa minuciosamente o álbum ilustrado escrito por Habib Zahra e ilustrado por Valeria Rey Soto. Utilizando uma bibliografia consolidada sobre esse gênero infantil, a autora examina a materialidade da obra e revela como imagem e texto tecem uma narrativa que se empenha em não só abordar uma temática sensível como a morte, mas recuperam e valorizam elementos provenientes da cultura popular nordestina, em especial a da manifestação cultural cavalo-marinho.

A autora Ermelinda Maria Araújo Ferreira, de “Sujos quintais com tesouros: a obra infantojuvenil da Condessa de Ségur revisitada por Agustina Bessa-Luís nas biografias

de Vieira da Silva e Paula Rego”, recupera a recepção da trilogia de Fleurville da Condessa de Ségur no conto *Os desastres de Sofia*, de Clarice Lispector, assim como na produção autobiográfica da escritora Agustina Bessa-Luís. A autora envereda ainda na análise de como a obra de Ségur teve um impacto duradouro durante o século XX, podendo ser percebida no trabalho plástico das artistas portuguesas Vieira da Silva e Paula Rego.

O artigo de Adriana Falqueto Lemos e Rossanna dos Santos Santana Rubim, “De ‘*Smarty pants*’ a ‘*Sabichona*’: notas sobre uma tradução de literatura infantil”, realiza uma fundamentação de questões relacionadas à materialidade do livro para crianças e da sociologia da leitura com o objetivo de pensar os complexos processos de tradução e produção de livros em diferentes contextos socioculturais.

“Livro ilustrado, acervos e escola: direitos do pequeno leitor”, de Andreia Aparecida Suli da Costa e Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho, estabelece alguns dilemas da relação entre as políticas públicas e os livros e faz, ainda, uma breve, mas interessante, análise de como essas relações podem impactar diretamente a produção de livros.

O artigo “*Este é o lobo e Se eu abrir esta porta agora...: a relevância da materialidade em duas obras de Alexandre Rampazo*”, de Fernanda Rios de Melo, faz uma leitura da implicação que a materialidade do livro tem na construção de sentido em duas obras de um autor de destaque do livro ilustrado contemporâneo no Brasil.

O artigo “Os monstros nos livros ilustrados: a multimodalidade e o mundo subjetivo do leitor”, de Caroline Lima dos Santos Sacramento e Giselly Lima de Moraes, apresenta uma análise das formas como os múltiplos modos de expressão constroem, por meio de arranjos diversos, diferentes possibilidades de leitura. Realiza essa análise por meio da investigação de duas obras, *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, e *Monstro Rosa*, de Olga de Dios.

Desejamos uma boa leitura!



## Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Fernando de. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia – Estudos de Sociologia e Política*, v. XIV, n. 1, p. 43-63, mar. 1952.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL/MEC, 1981.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LIMA, Graça; MENDES, Claudia Roger Mello. A Sea of Stories. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, v. 52, n. 4, p. 74-81. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/bkb.2014.0145>.

LINDEN, Sophie van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Literatura infantil e juvenil. In: CRUZ, José Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. p. 577-584.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1951.

NIÈRES-CHEVREL, Isabelle. *Introduction à la littérature de jeunesse*. Paris: Didier Jeunesse, 2009.

NIKOLAVEJA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SOARES, Gabriela; RAFFAINI, Patricia (org.). *Livros infantis velhos e esquecidos*. São Paulo: Publicações BBM, 2022.

---

<sup>i</sup> **Carlos Pires** é docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Laboratório da Palavra do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. **E-mail:** carlospires@letras.ufrj.br

<sup>ii</sup> **Patricia Tavares Raffaini** é historiadora especializada em História da Literatura e dos Livros Infantis e Juvenis. Realizou pós-doutorado em história da cultura pela FFLCH/USP e em humanidades digitais pelo IEB/USP. **E-mail:** patiraffaini@gmail.com

<sup>iii</sup> **Aline Frederico** é docente na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Doutora em Educação e Literatura Infantil pela Universidade de Cambridge, com Pós-doutorado em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. **E-mail:** aline.frederico@usp.br

<sup>iv</sup> **Graça Lima** é professora Associada na Escola de Belas Artes /UFRJ. Tem experiência na área de Artes/Design, com ênfase em ilustração de livros infantis. É doutora em artes visuais pela UFRJ. Possui mais de 100 livros publicados com seu trabalho na área de literatura para jovens e crianças. **E-mail:** gramulima@gmail.com